

# MAL-ESTAR SOCIAL E PSICANÁLISE: A POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DO ESQUADRINHAMENTO DE NOVOS PARADIGMAS SOCIAIS

*Sílvia Adriana Rodrigues*<sup>1</sup>

<sup>1</sup>- Pedagoga, aluna do Curso de Pós-graduação *lato sensu* “Semiótica – leitura de textos”, Assistente de Gestão Educacional junto à Coordenação Local de Presidente Prudente do Projeto Institucional Pedagogia Cidadã. UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista. Rodovia Raposo Tavares, Km 572 – Limoeiro – Presidente Prudente-SP. E-mail: onylsil@uol.com.br

**Palavras-chave:** violência, mal-estar social, psicanálise, novos paradigmas

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas

**Resumo:** A violência surge como um dos principais pontos de inquietação e preocupação da sociedade contemporânea, um tema freqüente que não se restringe a espaços, épocas ou classes sociais determinados. Esta se confunde, mas também se inter-relaciona com agressões de um modo geral e com a indisciplina doméstica ou familiar e escolar. Ações violentas são sistematicamente explicadas de forma reducionista, individual e, muitas vezes, descontextualizada. De acordo com o exposto, o presente trabalho nasce frente a uma inquietação, não só pessoal, mas também social, com o propósito de refletir sobre as mudanças de hábitos cotidianos e a demarcação de novas fronteiras sociais. Acreditamos que a psicanálise nos proporciona rico material para esta reflexão e, talvez, para a compreensão da formação desses novos paradigmas. A obra de Freud, apesar de ser inicialmente voltada para a questão clínica das patologias, pode ser interpretada como uma preocupação em se construir uma compreensão da condição humana. De acordo com a teoria freudiana, a civilização fez com que o homem, em seu processo de “humanização”, controlasse sua conduta e reprimisse sua hostilidade primária. Desta forma, a pretensão deste trabalho é a de, a partir da pesquisa bibliográfica e análise interpretativa, à luz da psicanálise, obter subsídios para a discussão da hipótese de que o despontar de um novo paradigma de violência, e o surgimento de novos modos de convívio social, decorrem de reminiscências inconscientes do processo civilizatório.

## **Introdução**

É sabido que o convívio social está em constante mutação; mudanças de costumes, posturas, práticas, etc. Das mudanças verificáveis, é possível destacar a violência como um dos principais pontos de inquietação e preocupação de todos os sujeitos da sociedade contemporânea, não se restringindo esta a espaços, épocas ou classes sociais.

O trabalho aqui apresentado tem origem na realização de estágio não obrigatório junto ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus UNESP de Presidente Prudente, com início no ano 2003, e pretende evocar um outro modo de se pensar a violência.

Este estudo nasce frente a uma inquietação, não só pessoal, mas também social. Colocamo-nos a necessidade de uma reflexão sobre a violência sob um foco específico; buscamos neste trabalho, refletir sobre as mudanças de hábitos cotidianos, a demarcação de novas fronteiras sociais e ao esquadramento de novos espaços de realização pessoal e social à luz de uma discussão psicanalítica. A pretensão deste trabalho é a de discutir a hipótese de que o surgimento de um novo paradigma de violência, e mesmo o surgimento de um novo modo de convívio social, decorrem de reminiscências inconscientes do processo civilizatório.

### **A relação entre violência e Psicanálise**

Acreditamos que a psicanálise nos proporciona rico material para reflexão e, talvez, para a compreensão da formação desses novos paradigmas e até mesmo das diversas representações sociais de violência. Segundo Freud (1969, p. 186-187):

A comparação entre a infância dos homens e a primitiva história das sociedades já provou sua fecundidade em diversos sentidos [...] Nesta conexão o modo de pensar psicanalítico atua como novo instrumento de pesquisa. A aplicação de suas hipóteses à psicologia social torna possível tanto o desenvolvimento de novos problemas como a visão dos antigos sob nova luz e nos capacita a contribuir para sua solução.

A obra de Freud, apesar de ser inicialmente voltada para a questão clínica das patologias, pode ser interpretada como uma preocupação em se construir uma compreensão da condição humana. De acordo com a teoria freudiana a civilização, ou a vida em sociedade, fez com que o homem aprendesse a ser homem, ou seja, em seu processo de “humanização” houve o controle de sua conduta, a repressão de sua hostilidade primária.

Uma responsabilidade enorme vai pesando sobre o homem à medida que se civiliza. É isso tanto a luz das torturas, físicas ou psíquicas [...] quanto à luz do que Freud diz no fim da vida sobre a própria civilização: quanto mais aumenta, mais cresce a infelicidade. (RIBEIRO, 1994, p.10).

A idéia que defendemos, é a de que a história da civilização é calcada numa história de introversão de sacrifícios, de renúncias individuais em favor da construção de um grupo social “harmonioso”, em outros termos, a criação da moral social advém de um processo doloroso de recalçamento das pulsões.

Ainda citando Ribeiro (1994): “[...] a moralidade não é um traço natural, nem legado da graça de Deus – ela foi adquirida por um processo de adestramento que terminou fazendo, do homem, um *animal interessante*, um ser previdente e previsível”.

Amparados nesta linha de pensamento, diríamos que as relações sociais, sempre marcadas por constantes mudanças, ora de integração, ora de fragmentação dos grupos sociais, promovem a emergência da violência como forma peculiar

de contestação social, seja ela de forma coletiva ou subjetiva.

### **O conceito de violência e suas diferentes perspectivas**

Podemos dizer que pode ser ilusório atribuir um vínculo direto da violência à situações econômicas e sociais de forma geral. Este é um problema que nos faz pensar nas diversas formas de violência existentes, e no fato desta ser encarada também de forma variada de acordo com o meio social em que esta acontece, ou área de estudo que se debruce sobre ela.

A violência se confunde, mas também se inter-relaciona com agressões de um modo geral ou com a indisciplina doméstica ou familiar. Ações violentas são sistematicamente explicadas, de forma reducionista, individual e, muitas vezes, descontextualizada.

Etimologicamente, violência vem do latim *vis*, força, e significa todo ato: de força para ir contra a natureza de algum ser; de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade; de transgressão contra estatutos que alguém ou uma sociedade definem como justas e de direito; conseqüentemente é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror. (Chauí, 1998).

A tese de Elias (1990, 1993) aponta a violência como sendo nada mais que um conjunto de incivildades sociais, de atentados cotidianos aos direitos individuais, seus estudos ainda indicam que a tensão social cotidiana aumenta muito mais que a violência entendida como simplesmente agressão física.

Odalia (1983), na busca de uma sistematização de reflexões sobre o fenômeno da violência, apresenta uma categorização desta, organizada da seguinte forma: violência original, entendida pelo autor como a agressão física dirigida diretamente ao homem ou aos seus bens; violência institucionalizada, entendida como sendo as injustiças sociais e a passividade da população frente a elas; a violência social, tudo o que avilta a pessoa humana, desrespeita o ser humano e lhe nega esta condição; a violência política e a violência

revolucionária que se encontram entrelaçadas e provocam a agressão aos direitos dos cidadãos, mas que também podem promover a superação deste problema.

### Algumas considerações

Diante do exposto, diríamos que o processo civilizatório pode ser entendido, de uma forma bem simples, como a domesticação das emoções humanas naturais. Em outros termos, as pressões sociais emergidas das relações humanas cristalizam-se ou são internalizadas pelo psiquismo individual, a partir disso há um controle endógeno dos impulsos. Esse processo de “disciplinamento” social, e conseqüentemente individual, gera a eliminação do autêntico, a massificação dos homens, a busca do ser social é sempre estar parecido com algo, algum modelo institucionalizado, e o não alcance deste modelo, ou a sua recusa, gera sentimentos de repulsa e menosprezo.

A repressão que se instaura, gera uma violência interiorizada que move cada um contra todos. Tomando a perspectiva psicanalítica, podemos dizer que a causa da violência está no âmbito psíquico das pessoas, e diante disso diríamos que a violência faz parte da natureza humana, sua raiz está amparada nos instintos mais primitivos do homem, na pulsão de morte, a teoria freudiana nos mostra que o mal existe na essência do homem como conseqüência de uma das pulsões que norteiam sua existência, a pulsão de morte, que pode ser evidenciada tanto em nível individual como em nível inter-relacional, como por exemplo em casos de sado-masochismo, onde se estabelecem relações saturadas pelas vontades de agressão e autodestruição em busca do prazer.

As paixões instintivas individuais, inerentes a todos, sempre vão pesar mais do que as tentativas de socialização através da imposição de valores, da dominação da natureza e cultura humanas. Segundo Elias (1990, 1993) a interação social passa a ser marcada por estilos violentos de sociabilidade, invertendo as expectativas do processo civilizador.

Isso tudo gera uma estagnação da condição humana num narcisismo exacerbado, uma indiferença social, que deixa cada vez mais clara a crueldade psíquica do ser humano, onde o que importa são atitudes de autodefesa na qual a ordem é a hipervalorização da segurança doméstica, uma forte delimitação das territorialidades e um crescente fechamento para o particular.

Concordamos com de Chauí (1998) que ao escrever sobre a crise de valores da sociedade, especificamente a brasileira, afirma estar a violência real ocultada por vários dispositivos sociais, que instigam a tolerância e uma percepção superficial/parcial do problema.

### Referências

- CHAUÍ, M. Ética e Violência. In: **Revista Teoria e Debate** Ano 11, número 39. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, out/nov 1998, p. 32-41.
- FREUD, S. O interesse científico da psicanálise (1913-1914). In: **Obras completas**: Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIII, 1996, p. 169-192.
- \_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920). In: **Obras Completas**: Edição Standart Brasileira, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- \_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: **Obras completas**: Edição Standart Brasileira, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 75-171.
- ODALIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Volume I
- SANTOS, J. V. T. dos. As novas questões sociais globais. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Nº57/58, jun/nov de 2000. p. 13-24
- SOUZA, Mériti de. A cordialidade como mal-estar ou a violência como o recalcado. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. nº 11, vol. 4, p. 123-142.